

“ALÉM DO RÓTULO”: EXPLORANDO AS DIVERSAS DIMENSÕES DO AUTISMO

“Beyond the label”: exploring the various dimensions of autism

Ise Helena Miguel de Oliveira Vieira¹ 

Clodoaldo Valverde² 

¹Graduação em Pedagogia. Mestranda em Ensino de Ciências pela Universidade Estadual de Goiás, Anápolis -GO. Professora na Escola Estadual Pedro Alves de Moura -Rubiataba-GO e na Secretaria Municipal de Educação de Rubiataba. E-mail: ise.vieira@seduc.go.gov.br

²Graduações em Pedagogia, Direito, Engenharia Mecânica, Física Licenciatura e Bacharelado. Mestrado em Física e Doutorado em Física Computacional pela Universidade Federal de Goiás. Universidade Estadual de Goiás, Anápolis – GO. Universidade Paulista - UNIP, Goiânia - GO. E-mail: valverde@ueg.br.

Revista Educação em Contexto

Secretaria de Estado da Educação
de Goiás - SEDUC-GO

ISSN 2764-8982

Periodicidade: Semestral.

v. 4 n. 1, 2025.

educacaoemcontexto@seduc.go.gov.br

Recebido em: 17/02/2025

Aprovado em: 12/04/2025

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.15723155>

Resumo

Este estudo trata-se de uma revisão da literatura científica com ênfase em questões relacionadas ao Transtorno do Espectro Autista. A pesquisa realizada investiga, de forma específica, o impacto sociocultural do autismo nas famílias, nas escolas e na sociedade, levando em conta aspectos como nível socioeconômico e acesso a serviços de saúde. Além disso, analisa-se também estratégias para promover a inclusão de pessoas com autismo em múltiplos espaços sociais como no universo do trabalho, por meio de políticas eficazes e práticas educativas centradas nas especificidades do público em questão. Foram examinados oito artigos publicados entre 2009 e 2020, obtidos em bases de dados do Google Acadêmico, com a preferência por estudos anteriores à pandemia de COVID-19, a fim de evitar qualquer influência da pandemia no comportamento social da pessoa com TEA. A seleção dos artigos considerou títulos e resumos, assim, a extração de dados foi realizada durante a análise. Os estudos foram categorizados conforme seus autores e ano de publicação para compreender a evolução das pesquisas. Do ponto de vista metodológico, optou-se por uma pesquisa com caracterização qualitativa, com base em referências bibliográficas, seguindo as perspectivas de Lakatos e Marconi (2021) que enfatizam uma abordagem sistemática e com vigilância epistemológica na coleta e análise de dados. O estudo apontou a necessidade contínua de investimentos em uma educação inclusiva que não apenas reconheça, mas também valorize a diversidade dos alunos com TEA. Todos os artigos abrangidos destacam a importância de aprofundar o conhecimento sobre o assunto, promovendo a inclusão educacional e social.

Palavras - chave: Diagnóstico. Inclusão escolar. Família.

Abstract

This study is a review of the scientific literature with an emphasis on issues related to Autism Spectrum Disorder (ASD). It specifically investigates the sociocultural impact of autism on families, schools, and society, taking into account aspects such as socioeconomic status and access to health services. The analysis also addresses strategies to promote the inclusion of people with autism in multiple social environments, such as the workplace, through effective policies and educational practices tailored to the specific needs of this population. Eight articles published between 2009 and 2020 were examined, obtained from the *Google Scholar* database, with a preference for studies prior to the COVID-19 pandemic to avoid any influence of the pandemic on the social behavior of individuals with ASD. Article selection was based on titles and abstracts, with data extraction performed during the analysis. The studies were categorized according to their authors and year of publication to understand the evolution of research on the topic. Methodologically, a qualitative approach was used, grounded in bibliographic references and following the perspectives of Lakatos and Marconi (2021), who emphasize a systematic approach with epistemological rigor in the collection and analysis of data. The study identified a continuing need for investment in inclusive education that not only recognizes but also values the diversity of students with ASD. All the articles analyzed highlight the importance of deepening knowledge on the subject and promoting educational and social inclusion.

Keywords: Diagnosis. School inclusion. Family.

INTRODUÇÃO

Esta é uma revisão bibliográfica que pretende explorar a evolução do conhecimento sobre o autismo, traçando um percurso desde os primeiros diagnósticos na década de 1940 até as descobertas e abordagens mais recentes entre meados de 2009 a 2020, ao mesmo tempo em que se destaca a importância da compreensão e apoio às pessoas com autismo. Ao contextualizar os marcos históricos e os avanços contemporâneos, busca-se oferecer uma base conceitual para futuras pesquisas e intervenções, contribuindo para o reconhecimento da importância de se ter uma sociedade mais inclusiva e informada sobre as necessidades e potencialidades das pessoas com essa especificidade neurológica.

Assim, esse ciclo foi marcado desde a identificação de fatores genéticos e neurológicos até o desenvolvimento de novas abordagens diagnósticas e terapêuticas. A análise realizada nos materiais bi-

bliográficos selecionados, abrange os progressos na detecção precoce e intervenção, bem como as barreiras sociais e sistêmicas que continuam a limitar o pleno desenvolvimento e integração dessas pessoas.

A história do autismo

A história do autismo é assinalada por um desenvolvimento gradual de conhecimento e compreensão ao longo da trajetória das pesquisas científicas sobre questões como comportamento e funcionalidade neurológica. No ano de 1943 o psiquiatra austríaco naturalizado norte-americano, Leo Kanner, criou o termo “autismo infantil precoce” para descrever um conjunto específico de comportamentos observados em crianças. Nesse mesmo período, *Hans Asperger*, na Áustria, descrevia o que era na época conhecido como Síndrome de Asperger (MANTOAN; PRIE-

TO; ARANTES, 2006, p. 50) que posteriormente passou a ser considerado uma das formas de Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Nas décadas de 1960 e 1970, houve uma crescente conscientização devido a ampliação de pesquisas sobre o autismo nos Estados Unidos e na Europa, impulsionada pela obra de pesquisadores como o psicólogo norte-americano Bernard Rimland (COHMER, 2014). O termo Transtorno do Espectro Autista (TEA) foi adotado para refletir a variedade de manifestações do autismo (RIMLAND, 1964 *apud* COHMER, 2014). Em seu trabalho, Rimland discute suas ideias revolucionárias sobre a natureza do autismo e sua abordagem biológica, que contrastava com as teorias psicanalíticas predominantes da época.

O estudo desse cientista comportamental promoveu muitas inovações nas investigações e pesquisas sobre o tema, foi fundamental na promoção de uma compreensão mais científica e empírica do autismo. Desse modo, suas postulações influenciaram diretamente o desenvolvimento de conceitualizações, teorizações e pesquisas clínicas acerca do TEA nas décadas seguintes.

Desde a publicação da quinta edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM-5 (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION – APA), a Síndrome de Asperger foi incluída no espectro do autismo, eliminando-se a distinção entre diferentes subtipos de autismo. Portanto, as características que antes definiam a Síndrome de Asperger agora são entendidas como parte das variações do TEA, reconhecendo a diversidade de manifestações dentro do espectro em si, como destaca a Associação Americana De Psiquiatria (2014).

Os autores Grandin e Panek (2014) no livro *The Autistic Brain: Helping Different Kinds of Minds Succeed* - O Cérebro Autista: Ajudando diferentes tipos de mentes a terem sucesso (tradução nossa) - discutem a

história do autismo, incluindo a contribuição de *Leo Kanner e Hans Asperger*, destacando suas descobertas e a criação dos termos “autismo infantil precoce” e “Síndrome de Asperger”, respectivamente.

No Brasil, o conhecimento e a sensibilização sobre o autismo começaram a se desenvolver mais lentamente com relação a outros países com pesquisas mais avançadas. Nas décadas de 1980 e 1990, as discussões e debates sobre o autismo ganharam mais visibilidade com a atuação de profissionais e organizações dedicadas ao tema, mas ainda enfrentavam desafios significativos no que se refere a falta de uma base diagnóstica eficiente e precisa.

Muitos são os autores que tentaram entender e discutir sobre o autismo, entre eles destacam-se as pesquisadoras Maria Teresa Eglér Manton (MANTON, 2003), que aborda a temática a partir de uma perspectiva multidisciplinar, focando principalmente no cenário brasileiro da época, abordaram diversos aspectos relacionados ao transtorno, incluindo os desafios enfrentados no diagnóstico, a sensibilização pública, e as políticas de inclusão para essas pessoas no país.

Assim, destaca-se também as dificuldades enfrentadas pelas famílias e profissionais na busca por um entendimento mais aprofundado do transtorno, além de ressaltar as demandas e necessidades por serviços adequados de apoio educacional, bem como no que tange aos tratamentos. As autoras também exploram a necessidade de maior conscientização e educação da sociedade sobre o autismo, buscando diminuir o estigma e promover realmente uma inclusão social.

A partir dos anos 2000, houve um avanço significativo no Brasil com a promulgação de leis específicas para proteger e garantir os direitos das pessoas com TEA, como a Lei Berenice Piana (Lei 12.764/2012), que instituiu a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com TEA; o Esta-

tuto da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146/2015), conhecida como Lei Brasileira de Inclusão (LBI).

Também, merece destaque a Lei Romeo Mion (Lei nº 13.977/2020), que Institui a Carteira de Identificação da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (CIPTEA), que dentre outros avanços, facilita a identificação e o acesso a serviços prioritários, que assegura e promove, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoas com deficiência, visando sua inclusão social por meio da efetivação de ações centradas no conceito de cidadania plena.

Na atualidade vigente, tendo se passado mais de duas décadas da chegada do Século XXI, tanto no Brasil quanto no mundo, há um esforço contínuo para melhorar o diagnóstico precoce, o acesso a tratamentos especializados e a inclusão social das pessoas com TEA. Ante tal observação, é relevante lembrar que a história do autismo reflete não apenas o progresso científico de áreas como a Psicologia e Medicina, mas também uma crescente conscientização e luta por direitos iguais e inclusão para todos.

Nessa direção, leva-se em consideração que conhecer as características do indivíduo com TEA é de suma importância para o delineamento do prognóstico, bem como planejamento de intervenções e estimulações.

Segundo Gillberg (1990, p. 121 *apud* BAPTISTA; BOSA, 2002, p.32):

Estudos epidemiológicos tem apontado que 70% dos indivíduos com autismo apresentam deficiência mental¹. Somente 30% apresentam um perfil cognitivo caracterizado por uma discrepância entre as áreas verbal e não-verbal em testes padronizados. Nesses indivíduos, geralmente

não se identificam problemas na área não-verbal (ex.: habilidades visuomotoras), podendo esta inclusive estar acima do esperado para a idade cronológica (GILLBERG, 1990, p. 121 *apud* BAPTISTA; BOSA, 2002, p.32).

Diante deste cenário, baseado na obra de Gillberg (1990) *apud* Baptista e Bosa (2002), é relevante destacar uma característica muito notória do TEA relacionada ao perfil cognitivo dos indivíduos afetados. Ao levar em consideração que 70% das pessoas com autismo apresentam deficiência intelectual, e apenas 30% demonstram uma discrepância entre as habilidades verbais e não-verbais, se torna possível observar a diversidade de manifestações dentro do espectro autista.

Na mesma diretiva, a observação de que, nos casos em que essa discrepância está presente, as habilidades não-verbais podem ser superiores às esperadas para a idade cronológica. Isso, por seu turno, ressalta a complexidade, variabilidade e individualidade do autismo. Portanto, deve-se a ter em alta consideração a importância de se entender e respeitar essa complexidade e variabilidade.

Ao longo das últimas décadas, vários estudos foram realizados para melhorar a compreensão sobre o autismo, no entanto, muitas vezes a visão convencional limita-se a estereótipos e rótulos que não refletem a complexidade e diversidade dessa condição. Diante disso, é de grande valia explorar as várias dimensões do autismo, reconhecendo a singularidade de cada indivíduo autista.

Em suma, o estudo se vale de uma revisão bibliográfica buscando tecer reflexões acerca da importância de uma abordagem mais ampla e inclusiva, que valorize as diferentes manifestações do autismo e promova uma compreensão mais respeitosa e

¹Deficiência mental: A American Association on Intellectual and Developmental Disabilities (AAIDD) adotou oficialmente o termo “deficiência intelectual” em 2007, reconhecendo que a expressão anterior carregava estigmas e não refletia adequadamente as capacidades e potencialidades dos indivíduos.

empática dessa realidade. Para isso, foi selecionado artigos entre 2009 e 2020. Período que antecede a pandemia do COVID-19 evitando assim qualquer influência comportamental para o diagnóstico de autismo, relacionado a tal doença infecciosa.

É importante mencionar que o diagnóstico do TEA é complexo e requer uma avaliação detalhada do desenvolvimento comportamental e social da criança. Por isso, o estudo se justifica ao passo que aponta que entender as várias dimensões do autismo pode ajudar na criação de programas de formação para profissionais da área da educação, saúde e assistência social, preparando-os melhor para atender essa população de maneira inclusiva e consonante com suas especificidades.

METODOLOGIA

Para o desenvolvimento deste estudo, optou-se por uma metodologia que contemplasse uma abordagem qualitativa, de cunho bibliográfico, seguindo as postulações e diretrizes metodológicas propostos por Eva Lakatos e Marina Marconi (LAKATOS; MARCONI, 2021), que enfatizam a importância de uma metodologia com vigilância científica e epistemológica na pesquisa científica/acadêmica, abordando a definição e a escolha entre métodos qualitativos e quantitativos. Assim, no estudo, atendeu-se para a necessidade de um planejamento cuidadoso, que inclui a formulação de hipóteses e a seleção de técnicas de coleta e análise de dados. Além disso, discute a ética na pesquisa e a validação dos resultados, reforçando que uma pesquisa bem conduzida deve respeitar os participantes e garantir a integridade e fidelidade dos resultados alcançados.

Os principais passos percorridos na elaboração do artigo incluíram a delimitação do tema e dos objetivos a partir dos quais o estudo foi focado na evolução do conhecimento sobre o autismo, desde

os primeiros diagnósticos até as abordagens mais recentes, com ênfase nos avanços ocorridos entre 2009 e 2020, período que antecede à COVID-19, evitando assim qualquer influência da realidade pandêmica nos resultados obtidos.

A pesquisa envolveu uma revisão da literatura que buscou dados contidos em artigos disponibilizados pela plataforma do Portal de Periódicos da CAPES, Google Acadêmico e outros, utilizando palavras-chave pertinentes e diretamente ligadas ao tema como: autismo, diagnóstico, inclusão escolar e família. Foram incluídas fontes que atendessem aos critérios de relevância, credibilidade e atualidade e artigos revisados por pares, publicados entre 2009 e 2020. Para garantir que os dados não fossem influenciados pelas mudanças comportamentais e sociais decorrentes da pandemia da COVID-19, excluimos artigos publicados após o ano de 2020.

Ao seguir essa metodologia, garantiu-se uma revisão sistemática da literatura sobre o autismo, que contribuiu para o entendimento mais aprofundado do Transtorno do Espectro Autista (TEA) e para o desenvolvimento de estratégias de apoio às pessoas afetadas pela condição. Após o fichamento dos artigos selecionados, as informações relevantes foram organizadas e analisadas, permitindo a identificação de padrões e lacunas na pesquisa existente.

Essa etapa foi fundamental para a elaboração da pesquisa, pois possibilitou a construção de uma base sólida de conhecimento, a partir da qual foram formulados as hipóteses e os objetivos do estudo. Além disso, a sistematização das informações coletadas facilitou a comparação entre diferentes perspectivas e enfoques sobre o TEA, enriquecendo a discussão teórica e prática em torno do tema.

No quadro a seguir, estão relacionados, em ordem cronológica, os artigos selecionados para a análise mais criteriosa desta revisão bibliográfica sobre o Transtorno do Espectro Autista.

Quadro 1 - Relação dos artigos selecionados para subsidiar a pesquisa

Nº	Título	Autores	Palavras-chave do Artigo	Local de Publicação	Ano
01	Um olhar sobre o autismo e sua especificação	Eliane A. R. Marinho e Vânia Lucia B. Merkel	Autismo; Comunicação e Socialização	IX Congresso Nacional de Educação- EDUCERE	2009
02	Competência social, inclusão escolar e autismo: Revisão crítica da literatura	Síglia Pimentel Hoher Camargo e Cleonice Alves Bosa	Competência social; Autismo e Inclusão escolar	Revista Psicologia e Sociedade	2009
03	Inclusão educacional de pessoas com Autismo no Brasil: uma revisão da literatura	Debora Regina de Paula Nunes; Mariana Queiroz Orrico Azevedo e Carlo Schmidt	Transtorno do Espectro do Autismo; Inclusão e Revisão descritiva	Revista Educação Especial	2013
04	Identificação dos primeiros sintomas do autismo pelos pais	Regina Basso Zanon; Bárbara Backes e Cleonice Alves Bosa	Autismo; identificação precoce e percepção dos pais.	Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa	2014
05	Escolarização de alunos com Autismo	Stéfanie Melo Lima e Adriana Lia Frizman de Laplane	Educação Especial; Escolarização e Autismo	Revista Brasileira de Educação Especial	2016
06	Inclusão escolar e autismo: uma análise da percepção docente e práticas pedagógicas	Carlo Schmidt; Debora Regina de Paula Nunes; Débora Mara Pereira; Vivian Fátima de Oliveira; Adriano Henrique Nuernberg e Cristiane Kubaski	Inclusão escolar; Transtorno E. Autista; percepção docente; Práticas pedagógicas e Revisão literária	Revista Psicológica: Teoria e Prática	2016
07	A Importância da Avaliação de Programas de Capacitação para Identificação dos Sinais Precoces do Transtorno do Espectro Autista – TEA	Simone Steyer; Aliny Lamoglia; Cleonice Alves Bosa	Transtorno autístico, efetividade, saúde pública, Transtorno do Espectro Autista, programa de capacitação, sinais precoces. Conhecimento, Tratamentos.	Revista Temas em Psicologia	2018
08	Autismo: uma revisão integrativa	Ana Clara Vieira Viana, Antônio Augusto Emerick Martins, Izanara Karla Ventura Tensol, Kassia Isabel Barbosa, Natália Maria Riêra Pimenta, Bruna Soares de Souza Lima	Autismo, Família, Conhecimento, Tratamentos.	Revista Saúde dinâmica	2020

Fonte: Autora (2024).

Para o estudo e análise dos artigos selecionados, destacou-se o papel da escola no apoio ao desenvolvimento e aprendizado de crianças com autismo; a participação da família como principal provedora de apoio e cuidado para pessoas com autismo; as intervenções na área da saúde já existentes; a importância da interação para o desenvolvimento social e emocional destas pessoas e quais os fatores que influenciam a capacidade de crianças e adultos com

autismo em se envolver e participar ativamente na comunidade.

Com a realização desta pesquisa, espera-se contribuir com a praxe de trabalho de profissionais da área da educação, da saúde e da assistência social, bem como para familiares e cuidadores, na procura por ter uma maior compreensão e aceitação para pessoas com autismo em suas interações escolares, familiares e sociais.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com base na maior parte dos textos analisados é viável atestar que a inclusão de crianças e adultos com autismo no ambiente escolar e social muitas vezes apresenta desafios únicos que requerem uma compreensão mais abrangente e abordagens específicas. Neste contexto, esta revisão bibliográfica permitiu explorar as interações entre a escola, a família, a saúde, a comunicação e a interação social de indivíduos com TEA.

O primeiro artigo se referi a uma análise detalhada sobre o Transtorno do Espectro Autista, enfocando suas características principais, diagnósticos e implicações, discutindo os desafios que o transtorno apresenta nas áreas de comunicação, comportamento e interação social. Analisados por Marinho e Merkle (2009), o autismo foi descrito inicialmente por pesquisadores como Kanner, e foi identificado como um distúrbio centralizado na incapacidade das crianças de estabelecer relações e interações com as pessoas e reagirem de maneira usual às situações corriqueiras desde o início da vida. A caracterização feita por Kanner tornou-se uma das mais científicas e debatidas sobre desvios comportamentais, permitindo diferenciar o comportamento esquizofrênico do autismo. Mesmo assim, sua descrição clínica é utilizada da mesma forma, sendo denominada Distúrbios do Contato Afetivo – Síndrome Única².

Apesar das causas ainda serem desconhecidas, os pesquisadores Baptista, doutor em educação e Bosa doutora em psicologia, estão divididos em duas gran-

des correntes teóricas opostas: a psicogenética e a biológica (BAPTISTA; BOSA, 2002). A teoria psicogenética defendida por Baptista, de acordo com a análise do artigo de Marinho e Merkle (2009), afirma que uma criança autista nasce normal, mas fatores familiares adversos durante o desenvolvimento desencadeiam o autismo. Já a teoria biológica, defendida por Bosa, também conforme o artigo estudado, afirma que o autismo pode estar relacionado a alterações neuroanatômicas, devido às altas taxas de testosterona às quais os autistas foram expostos no período pré-natal, resultando em um funcionamento cerebral essencialmente sistematizante.

Nesta pesquisa, ressalta-se Lorna Wing (1979) *apud* Baptista e Bosa (2002), que identificou três grandes grupos de perturbações que se manifestam nas áreas social, de linguagem e comunicação, e de comportamento e pensamento. No entanto, Baptista e Bosa (2002) ressaltam que, apesar de Lorna Wing ter feito essa distinção, as áreas não são separáveis, indicando que os comprometimentos nessas áreas estão interligados e apresentam variações em intensidade e qualidades (BAPTISTA; BOSA, 2002). Essas três áreas de comportamento, foram dadas a denominação de tríade de comportamento autista.

Para que os pesquisadores chegassem nessas informações, que atualmente ainda são utilizados, foram adotadas os três métodos principais de aprendizagem para crianças autistas: ABA (*Applied Behavior Analysis*), que corresponde a Análise Comportamental Aplicada, que é uma abordagem científica que se concentra na modificação do comportamento por meio de técnicas específicas, com o objetivo de me-

²A terminologia refere-se à descrição inicial de Leo Kanner, em 1943, para caracterizar o autismo infantil precoce. Kanner utilizou esse termo para descrever um conjunto específico de comportamentos observados em crianças, incluindo dificuldades significativas na interação social, comunicação e comportamento repetitivo. Ao longo do tempo, o conceito de “Síndrome Única” evoluiu para o que é agora reconhecido como Transtorno do Espectro Autista (TEA), abrangendo uma ampla gama de manifestações e severidades dentro do espectro autista. (MARINHO; MERKLE 2009).

lhorar comportamentos socialmente significativos como: habilidades sociais, linguagem acadêmicas e comportamentos adaptativos, utilizando reforço positivo para aumentar comportamentos desejados e diminuir comportamentos indesejados. Realizando assim, intervenções personalizadas, ou seja, por meio do desenvolvimento de planos específicos, baseados nas necessidades individuais da criança, e oferecendo recompensas, (como elogios ou brincadeiras) quando a criança exibe o comportamento desejado (BAPTISTA; BOSA, 2002).

O ABA é baseado em evidências que podem ser muito eficazes para ajudar crianças com autismo a desenvolver habilidades essenciais e melhorar seu comportamento geral. O PECS (*Picture Exchange Communication System*) que é um sistema de comunicação que utiliza imagens para ajudar indivíduos com autismo a se comunicarem, facilitando a comunicação funcional (BAPTISTA; BOSA, 2002).

O PECS é especialmente útil para pessoas que têm dificuldades em se expressar verbalmente. O método envolve o uso de cartões com imagens. As crianças aprendem a trocar esses cartões com outras pessoas para expressar suas necessidades e desejos. O método é dividido em seis fases, começando com a troca de imagens simples e progredindo para frases mais complexas e até mesmo a construção de sentenças. Isto pode ajudar a aumentar a comunicação e reduzir comportamentos desafiadores relacionados à frustração na comunicação.

E, finalmente, o TEACCH (*Treatment and Education of Autistic and Communication Handicapped Children*), ou seja, Tratamento e Educação para Autistas e Crianças com Déficits Relacionados com a Comunicação, que é um programa educacional estruturado que se concentra na adaptação do ambiente de aprendizagem para atender às necessidades das pessoas com autismo, promovendo o aprendizado e a independência por meio da estrutura e do suporte visual, orga-

nizando o ambiente, as atividades e as instruções, incluindo o uso de horários visuais, quadros de tarefas e sinalização clara. Os espaços são projetados para facilitar o aprendizado e minimizar distrações. Esse método enfatiza o desenvolvimento de habilidades funcionais que podem ser aplicadas na vida cotidiana, ajudando o indivíduo a entender melhor seu ambiente, reduzindo a ansiedade e aumentando a autonomia (BAPTISTA; BOSA, 2002).

Esses métodos têm abordagens diferentes sendo que o ABA se concentra na modificação do comportamento, o TEACCH foca na estruturação do ambiente de aprendizagem e o PECS é voltado especificamente para o desenvolvimento da comunicação, mas todos visam ajudar indivíduos com autismo a se comunicarem melhor, aprenderem novas habilidades e se tornarem mais independentes. Cada criança é única, então muitas vezes a combinação dessas abordagens podem ser de grande sucesso, no intuito de ajudá-las. Essa afirmativa é defendida por diversos especialistas em educação e terapia, que reconhecem a singularidade de cada criança. A ideia de que cada criança tem suas próprias necessidades, habilidades e desafios é fundamental em abordagens como a Análise do Comportamento Aplicada (ABA), o TEACCH e o PECS. Profissionais como educadores, psicólogos e terapeutas frequentemente enfatizam a importância de uma abordagem personalizada, combinando diferentes métodos para atender às necessidades específicas de cada indivíduo, especialmente quando se trata de crianças com autismo. Essa combinação pode resultar em uma avaliação mais coesa e adaptada ao desenvolvimento da criança (BAPTISTA; BOSA, 2002).

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é caracterizado por alterações na interação social, na comunicação e por padrões de comportamento restritos e repetitivos, podendo incluir peculiaridades sensoriais. O diagnóstico, baseado em manuais

como o DSM-5 (APA, 2014), envolve uma avaliação clínica minuciosa, pois não há um exame biológico específico. Tais características afetam significativamente a vida familiar, escolar e social, evidenciando a necessidade de diagnósticos precoces, além de intervenções e suportes multidisciplinares. Este trabalho aborda as diferentes manifestações do autismo e discute estratégias de intervenção e apoio para melhorar a qualidade de vida das pessoas com TEA e de suas famílias.

Para Camargo e Bosa (2009), a convivência da criança com autismo com pares da mesma idade constitui-se em uma oportunidade para o melhor desenvolvimento de competências e habilidades sociais, isso pode trazer um impacto positivo em suas condições de aprendizagem e no desenvolvimento emocional. Por outro lado, as crianças com desenvolvimento típico também poderiam se beneficiar do contato com aquelas com autismo ao aprenderem atitudes inclusivas.

De acordo com os autores, existem discussões favoráveis referentes a inclusão de crianças com TEA ao meio social, destacados por pesquisadores das diversas tendências teóricas que sustentam a importância do outro e do ambiente escolar para proporcionar possibilidades de participação, comunicação, interação, aprendizagem e de constituição da subjetividade. Eles realizaram uma análise crítica da literatura existente sobre a competência social de crianças com Transtorno do Espectro Autista e sua inclusão escolar. Examinaram como as habilidades sociais das crianças com autismo são afetadas pelo ambiente escolar inclusivo, também discutiram os desafios e as práticas eficazes para promover a inclusão dessas crianças nas escolas regulares. Por fim, eles observaram que poucos estudos foram realizados até então sobre este tema, os quais apresentam limitações metodológicas, isto implica na necessidade de investigações que demonstrem as

potencialidades interativas de crianças com autismo (CAMARGO; BOSA, 2009). Seria eficaz, a qualificação dos professores, apoio e valorização do seu trabalho. Evidenciando que a escola pode ser de fato, um espaço de desenvolvimento da competência social para crianças autistas. Este seria o grande desafio para os pesquisadores desta área.

De maneira similar, Nunes, Azevedo e Schmidt (2013) realizaram uma revisão importante da literatura existente sobre a inclusão educacional de pessoas com Transtorno do Espectro Autista no contexto brasileiro. Nesse estudo, os pesquisadores examinaram as práticas, desafios e avanços relacionados à inclusão de indivíduos TEA. Assim, os autores evidenciados naquele artigo, contribuíram significativamente com uma visão panorâmica das práticas e tendências atuais em relação à inclusão educacional de pessoas com autismo no Brasil, destacando áreas que necessitam de maior atenção e investimento para promover uma educação inclusiva e de qualidade para todos.

Ainda sobre o trabalho dos pesquisadores supracitados (NUNES; AZEVEDO; SCHMIDT, 2013), cabe dizer que destacaram em sua pesquisa que houve um aumento significativo de alunos com TEA em escolas comuns de Ensino Fundamental após a popularização do conceito de Inclusão Escolar. No entanto, também apontam para a falta de conhecimento sobre o autismo e a escassez de estratégias pedagógicas específicas, o que pode resultar em impactos limitados, ou seja, os alunos podem não alcançar seu potencial máximo devido à falta de métodos de ensino adequados às suas necessidades específicas, no processo de aprendizagem dessa população.

A Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146/2015), estipula que todas as crianças, incluindo aquelas com transtornos do espectro autista, devem ter acesso à escola regular.

Nesse sentido destacaram que, promover suporte e orientação aos professores, fornecendo uma melhor compreensão das necessidades do aluno e avaliar as estratégias eficazes para seu aprendizado são passos importantes para construção da inclusão.

Já o artigo de Zanon, Backes e Bosa, (2014), trata da capacidade dos pais em reconhecer os primeiros sintomas do TEA em seus filhos. Esses pesquisadores investigam como os pais percebem e interpretam os sinais precoces de autismo em seus filhos antes do diagnóstico formal ser feito por profissionais de saúde. O objetivo do artigo foi fornecer *insights* sobre a percepção e experiência dos pais no reconhecimento dos sinais e melhorar o diagnóstico e intervenção precoces para crianças com TEA. As dificuldades no desenvolvimento social são os sinais mais comuns que indicam um possível diagnóstico de autismo, mas a falta de fala é o que mais leva os pais a buscar ajuda.

No estudo em questão (ZANON; BACKES; BOSA, 2014), foram examinados os primeiros sintomas notados pelos pais de crianças autistas e a idade em que esses sintomas foram observados. Participaram 32 crianças em idade pré-escolar, e o instrumento utilizado foi a *Autism Diagnostic Interview-Revised* (Entrevista de diagnóstico de autismo - revisada). Embora os problemas na linguagem tenham sido os sintomas mais frequentes, os relacionados à socialização foram identificados mais cedo.

Ainda segundo Zanon, Backes e Bosa, (2014) em média, os primeiros sinais são percebidos entre os 24 meses de idade. Os sinais comportamentais se manifestam nos três primeiros anos de vida e sua qualidade não é inteiramente explicada pela ocorrência de deficiência intelectual (DSM-5; *American Psychiatric Association*, 2014). Esses resultados confirmam descobertas de outros estudos, destacando a importância dos problemas sociais para o diagnóstico precoce do autismo. Dessa maneira, os autores

propõem ainda a realização de pesquisas futuras para investigar fatores como a escolaridade dos pais e o desenvolvimento cognitivo da criança, além da necessidade de desenvolver e validar instrumentos específicos para o diagnóstico precoce do TEA no contexto brasileiro.

Quanto ao estudo realizado por Lima e Laplane (2016) é válido salientar que o objetivo do estudo que desenvolveram foi fornecer uma análise do processo de escolarização de estudantes com autismo, identificando desafios comuns e melhores práticas para promover sua inclusão e sucesso educacional nas escolas regulares. As análises realizadas mostram que o processo de escolarização dos estudantes com autismo não se completa e que apenas alguns alunos chegam ao final do ensino médio. A taxa de evasão escolar é alta e poucos chegam ao ensino superior.

Na mesma direção, o trabalho em questão analisou o acesso e a permanência de estudantes na escola e quais os apoios terapêuticos e educacionais tiveram acesso. Observou ainda que poucos estudantes com transtorno do espectro autistas matriculados na Educação Básica frequentaram o atendimento educacional especializado (AEE) e que na mudança de etapa para o ensino médio geralmente não foram atendidos por professores de apoio e isso tende a ocasionar muitas desistências devido à ausência desse apoio pedagógico especializado.

O estudo concluído por Schmidt *et al.* (2016) tratou da percepção dos professores e de suas práticas pedagógicas em relação à inclusão de alunos com TEA nas escolas regulares. O estudo investigou como os professores percebem o autismo, quais são suas crenças e atitudes em relação à inclusão desses estudantes e como os docentes adaptam suas práticas pedagógicas para atenderem às necessidades específicas de tal público. Assim, destacou também que em conformidade com o Paradigma da Educação Inclusiva, a Política Nacional de Proteção dos

Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro do Autismo estabelece que crianças com TEA sejam matriculadas em escolas regulares.

Conforme os autores, nos últimos anos, as participações desses estudantes em classes comuns aumentaram significativamente. Teses e dissertações têm analisado as percepções e práticas de professores sobre a inclusão desses alunos. Os resultados obtidos indicaram que os docentes têm pouco conhecimento sobre autismo e se sentem despreparados para atuarem a frente dos processos educacionais próprios da escolarização junta a esses estudantes (SCHMIDT *et al*, 2016).

Tendo em vista a dificuldade docente para avaliar as aprendizagens e ensinar conteúdos acadêmicos apropriados à etapa escolar, é primordial desenvolver no Brasil uma cultura de avaliação das práticas pedagógicas empregadas para que os educandos com TEA estejam, de fato, sendo escolarizados nas escolas regulares. Em suas conclusões, o trabalho enfatizou a importância da formação contínua para melhor preparar os professores para trabalhar em classes inclusivas (SCHMIDT *et al*. 2016).

O artigo de Steyer, Lamoglia e Bosa, (2018), abordou a relevância da avaliação de programas de capacitação voltados para a identificação precoce dos sinais do TEA. O estudo focou na análise da eficácia desses programas e como eles contribuíram para a identificação inicial do autismo, possibilitando intervenções antecipadas e melhorando o prognóstico das crianças que recebem o diagnóstico. Os autores atentaram de que a avaliação reflexiva, (Avaliação de programas em identificação precoce do TEA), é indispensável para assegurar que os programas sejam eficazes na prática, contribuindo para as intervenções, que podem melhorar significativamente os resultados da identificação de crianças em risco ao TEA.

O estudo destacou ainda a importância de tais programas (Programas de capacitação voltados para a identificação precoce dos sinais do TEA), no contexto de saúde pública e enfatizou a necessidade de metodologias sólidas para avaliar sua efetividade, incluindo a identificação das diferenças no desenvolvimento sociocomunicativo e comportamental de crianças com suspeita de TEA, a integração de princípios de vigilância do desenvolvimento infantil e a aplicação dos princípios de efetividade no contexto das ciências humanas (STEYER; LAMOGLIA; BOSA, 2018).

Portanto, a pesquisa do trio de pesquisadores (STEYER; LAMOGLIA; BOSA, 2018) buscou construir uma linha de argumentação sobre a importância de se elaborar programas de capacitação em identificação precoce do TEA em saúde pública, enfatizando a necessidade de preparar profissionais de saúde para reconhecer sinais prévios de autismo, melhorando, assim a identificação e o diagnóstico, o que pode levar a intervenções mais adequadas.

Outro trabalho selecionado foi de autoria de Viana *et al*. (2020), o qual tratou de uma análise integrativa da literatura existente sobre TEA. A revisão englobou diferentes estudos e pesquisas sobre o autismo para fornecer uma visão ampliada e recente sobre o tema, abordando várias dimensões do transtorno. Para tanto, apresentaram uma análise do impacto do autismo nas famílias e na sociedade em geral, incluindo desafios enfrentados pelas famílias e questões relacionadas à inclusão e aceitação social.

Por meios das análises preconizadas, os pesquisadores forneceram uma revisão da literatura sobre o tema, visando consolidar o conhecimento existente e identificar lacunas nos estudos realizados que possam orientar futuras pesquisas e práticas clínicas para o público em questão. O estudo assinalou que o diagnóstico de TEA tem suas características, relacionadas de acordo ao grau de complexidade.

de do comportamento do paciente, ao nível sócio econômico da família e aos serviços oferecidos no contexto da saúde, são os principais fatores que influenciam o diagnóstico tardio do TEA e que para o tratamento existem múltiplos métodos, entre os quais recebem maior menção PECS, TEACCH e o ABA (VIANA, *et al.*,2020).

Mesmo com a existência de numerosos casos, a população de autistas no Brasil ainda apresenta dificuldades no que se diz respeito à obtenção de tratamento adequado. Os autores destacaram que os comportamentos sociais são os melhores indicadores para o diagnóstico diferencial entre crianças com TEA e aquelas com desenvolvimento típico ou com atraso no desenvolvimento. Contudo, apresentaram uma visão geral sobre o Transtorno do Espectro Autista, destacando a complexidade do diagnóstico e a diversidade de métodos de tratamento disponíveis (VIANA, *et al.*,2020).

Sendo assim, a pesquisa de Viana, *et al.* (2020), apontou os avanços científicos, esclarecendo os fatores relacionados ao convívio familiar, buscando compilar informações relevantes por meio de uma revisão integrativa de diversas fontes acadêmicas, com o objetivo de melhorar o entendimento sobre o diagnóstico e as intervenções terapêuticas para o TEA.

Cabe por em relevo que os artigos aqui selecionados e apresentados se correlacionam nas questões voltadas ao TEA, abordando diferentes aspectos compatíveis ao diagnóstico, tratamento, inclusão escolar e a percepção de sinais da referida condição neurológica. A maioria dos artigos analisados discutiram a importância da identificação precoce e a complexidade do diagnóstico, explorando desde a percepção dos pais e professores até a capacitação de profissionais da área da saúde e da educação.

Os trabalhos publicados por Camargo e Bosa (2009), Schnidt *et al.* (2016); Steyer, Lamoglia e Bosa (2018) e por Lima e Laplane, (2016), analisaram estra-

tégias de intervenção e apoio, tanto no ambiente escolar, quanto no contexto familiar, buscando refletir sobre o desafio de promover uma melhor qualidade de vida e aprendizagem para estas pessoas. Por sua vez, o estudo de Nunes, Azevedo e Schmidt (2013), promove uma análise crítica da literatura existente sobre TEA, destacando lacunas de pesquisas e sugerindo direções futuras para investigações que pode abranger novas perspectivas e pontos de vistas.

Cada um dos autores explora diferentes dimensões do TEA, as quais ajudam a entender a complexidade desse transtorno. Podemos aqui destacar as Dimensões Comportamentais, Cognitivas, Emocionais, Sociais e Sensoriais e Neurobiológicas. Essas dimensões são inter-relacionadas e variam amplamente entre os indivíduos dentro do espectro autista. O entendimento dessas dimensões é fundamental para o desenvolvimento de intervenções eficazes e personalizadas que atendam às necessidades específicas de cada pessoa com TEA.

As pesquisas continuam a evoluir, buscando aprofundar a compreensão sobre como essas dimensões se manifestam e interagem na vida diária das pessoas com autismo. Sendo assim, todos os artigos convergem na importância de promover um conhecimento mais profundo sobre o tema, apoiando a inclusão educacional e social, desenvolvendo intervenções eficazes para que indivíduos com autismo, independentes de suas particularidades sejam integrados no meio social e tenham oportunidades de se desenvolverem plenamente no meio em que vivem, sem distinção e sem exclusão, separações e segregações de qualquer natureza ou forma.

Todos os artigos evidenciam a importância de um tratamento holístico, ou seja, uma abordagem que considere o indivíduo como um todo, levando em conta não apenas os sintomas físicos ou comportamentais, mas também os aspectos emocionais e sociais da pessoa. Nestes artigos, essa abordagem pode

ser evidenciada quando se fala sobre a importância de integrar diferentes tipos de intervenções, como terapias comportamentais, apoio psicológico e estratégias de inclusão social, para atender cada indivíduo nas suas especificidades, mas que também considere o bem-estar social e emocional do indivíduo.

Um modelo de intervenção que integra múltiplas dimensões da experiência humana é essencial para promover um desenvolvimento saudável e bem-sucedido em indivíduos com necessidades diversas. Além disso, a intersecção entre os artigos pode destacar a necessidade de uma abordagem multidisciplinar, ou seja, combinar conhecimentos de diferentes áreas, como psicologia, medicina, educação e terapia ocupacional, para oferecer uma visão mais abrangente no estudo do autismo. Enquanto um artigo oferece dados sobre a eficácia de terapias comportamentais, o outro traz relatos de experiências pessoais que ilustram como essas intervenções afetam as relações familiares e sociais. Essa conexão enfatiza a ideia de que compreender o autismo vai além da pesquisa clínica; é crucial dar ouvidos às vozes das pessoas autistas e de suas famílias para aprimorar práticas que sejam verdadeiramente inclusivas e eficazes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a realização do estudo proposto, se torna possível atestar que, investigar o Transtorno do Espectro Autista deve incluir a frequência e intensidade dos comportamentos sociais, mostrando que diferenças podem ser qualitativas e altamente variáveis, sendo assim, é essencial desmistificar a aprendizagem de crianças com TEA, além de reafirmar que um espaço inclusivo é um direito delas e um dever da sociedade de modo geral.

Esta revisão bibliográfica realizada sobre a inclusão de crianças e adultos com TEA no ambiente

escolar e social apresentou uma série de desafios e oportunidades para melhorar a qualidade de vida dessas pessoas. A análise dos estudos permitiu identificar que, apesar de avanços significativos na compreensão e nas práticas inclusivas, ainda há lacunas e áreas que necessitam de maior atenção, como na área da saúde e educação.

Os artigos revisados, forneceram possibilidade contributivas para a construção de conhecimentos sobre as características do autismo, suas manifestações, métodos de diagnóstico e intervenção, bem como as percepções e práticas relacionadas à inclusão escolar que nos ajudam a entender que ainda há muito o que estudar e pesquisar sobre TEA em suas várias dimensões e meandros.

Foi possível encontrar desafios comuns entre os artigos analisados. Verificamos um consenso sobre os desafios enfrentados na inclusão de alunos com TEA nas escolas regulares, como a falta de conhecimento sobre o autismo por parte dos profissionais da educação e a necessidade de formação contínua para lidar eficazmente com esses alunos. Também, foi possível perceber que o autismo não afeta apenas o indivíduo, mas também tem um impacto significativo nas famílias e na sociedade.

A inclusão social e o suporte adequado são essenciais para melhorar a qualidade de vida das pessoas com TEA. Ficou evidenciado a importância da identificação precoce dos sinais de autismo para intervenções eficazes, melhorando assim o prognóstico das crianças afetadas. Os métodos como ABA, PECS e TEACCH que ainda são atuais, mostraram-se eficazes na educação e no desenvolvimento de competências em crianças com autismo. A escolha do método deve ser adaptada às necessidades individuais de cada criança. As políticas públicas são necessárias, pois a legislação e as políticas de inclusão precisam ser reforçadas e implementadas de maneira eficaz para garantir que todas as crianças

com TEA tenham acesso a uma educação de qualidade e a oportunidades de desenvolvimento social.

Ante as teorizações e concepções levantadas nesta revisão, fica evidente a necessidade, ainda atualmente de práticas inclusivas, voltadas para estratégias pedagógicas eficazes e adaptações curriculares que melhor promovam a inclusão escolar de alunos com TEA. Ampliar a formação continuada de educadores, garantindo que os profissionais estejam bem-preparados para reconhecer e intervir nos sinais precoces do TEA.

Por isso, é indispensável explorar mais detalhadamente o impacto sociocultural do autismo nas famílias e na sociedade, considerando fatores como nível socioeconômico e acesso a serviços de saúde. Cabe também de maneira mais afirmativa, estudar as estratégias para melhorar a inclusão de pessoas

com autismo no ensino superior e no mercado de trabalho, garantindo uma transição suave e oportunidades contínuas de desenvolvimento, uma vez que promover uma sociedade verdadeiramente inclusiva requer esforços contínuos de pesquisa, políticas eficazes e práticas educativas inovadoras.

Portanto, se torna cada vez mais fundamental que se invista em uma educação inclusiva que não apenas reconheça, mas valorize a diversidade dos alunos com TEA. Neste sentido, a colaboração entre escolas, famílias e profissionais de saúde é essencial para criar um ambiente de aprendizado que atenda às necessidades individuais, se promovermos a autonomia desses alunos, poderemos, sim, construir uma sociedade mais equitativa, na qual todos tenham a oportunidade de brilhar e contribuir de maneira significativa.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA (*AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION - APA*). Publicação Psiquiátrica Americana, 2013. Traduç. NASCIMENTO, M. I. C. *et al.* **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. 5ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. xlv, 948 p.; 25 cm.. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmninnibpcajpgclclefindmkaj/https://dislex.co.pt/images/pdfs/DSM_V.pdf. Acesso em: 20 mai. 2024.

BAPTISTA, C.; BOSA, C. *et al.* **Autismo e Educação: Reflexões e propostas de intervenção**. 1ª Edição. Porto Alegre-RS: Artmed, 2002.

BOSA, C. A.; ZANON, R. B.; BACKES, B. Autismo: construção do protocolo de avaliação do comportamento da criança-PROTEA-R. **Revista Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo-SP, v. 18, n. 1, p. 194-205, jan-abr. 2016. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v18n1/15.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2024.

BRASIL. **Lei nº 13.977 de 8 de janeiro de 2020 (Lei Romeo Mion)**. Altera a Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012 (Lei Berenice Piana), e a Lei nº 9.265, de 12 de fevereiro de 1996, para instituir a Carteira de Identificação da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (Ciptea), e dá outras providências. Brasília-DF. Presidência da República, 2020. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/lei/113977.htm. Acesso em: 07 mai. 2025.

_____. **Lei nº 12.764 de 27 de dezembro de 2012 (Lei Berenice Piana)**. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Brasília-DF. Presidência da República, 2012. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112764.htm. Acesso em: 07 mai. 2024.

_____. **Lei nº 13.146 de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência / Lei Brasileira de Inclusão - LBI). Brasília-DF. Presidência da República, 2015. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm. Acesso em: 07 mai. 2024.

CAMARGO, S. P. H.; BOSA, C. A. Competência social, inclusão escolar e autismo: revisão crítica da literatura. **Psicologia & Sociedade**, Recife-PE, v. 21, n. 1, p. 65-74, abr. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pso-c/a/KT7rrhL5bNPqXyLsq3KKSgR/>. Acesso em: 07 mai. 2024.

COHMER, S.. **Autismo infantil: A síndrome e suas implicações para uma teoria neural do comportamento (1964), po Bernard Rimland**. Arizona - EUA: Arizona State University – Enciclopédia do Projeto Embrião, 2014. Disponível em: <https://embryo.asu.edu/pages/infantile-autism-syndrome-and-its-implications-neural-theory-behavior-1964-bernard-rimland> Acesso em: 22 jul 2024.

GRANDIN, T.; PANEK, R. O cérebro Autista: pensando através do espectro. Tradução de CAVALCANTI, C. Rio de Janeiro. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Record, 2015. Disponível em: <https://www.maosemmovimento.com.br/wp-content/uploads/2019/04/Temple-Grandin...pdf> . Acesso em: 12 ago. 2024.

GRANDIN, T.; PANEK, R. **The Autistic Brain: Helping Different Kinds of Minds Succeed**. O Cérebro Autista: Ajudando Diferentes tipos de mentes a ter sucesso (tradução nossa). New York: Houghton Mifflin Harcourt, 2014.

LAKATOS, E.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 7ª Edição. São Paulo: Atlas, 2021.

LIMA, S. M.; LAPLANE, A. L. F. Escolarização de alunos com Autismo. **Revista Brasileira de Educação Especial**. Corumbá-MS, v. 22, n. 2, p. 269-284, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/93w7M-M64pfrMWrPTKmqxSBh/>. Acesso em: 22 mai. 2025.

MARINHO, E.A. R.; MERKLE, V. L. B. **Um olhar sobre o autismo e sua especificação**. In: IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE / III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia, 2009, PUC-PR. Disponível em: <https://atividadeparaeducacaoespecial.com/wp-content/uploads/2014/07/UM-OLHAR-SOBRE-O-AUTISMO-E-SUAS-ESPECIFICA%C3%87%C3%95ES.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2024.

MANTOAN, M. T. E.; PRIETO, R. G.; ARANTES V. A. (Org.). **Inclusão escolar: pontos e contrapontos, 1ed**. São Paulo: Summus, 2006. (1ª. Parte). Disponível em: <chrome-extension://efaidnbnmnibpcajpcglclefindmkaj/>

<https://lucienecavalcante.com.br/wp-content/uploads/2022/07/Inclusao-escolar-pontos-e-contrapontos-MANTOAN-M.-T.-Egler-PRIETO-R.-Gavioli-ARANTES-V.-Amorim-Org..pdf>. Acesso em: 06 mai. 2024.

MANTOAN, M. T. E. **INCLUSÃO ESCOLAR O que é? Por quê? Como fazer?** 1ª Edição. São Paulo : Moderna, 2003.

NUNES, D. R. de P.; AZEVEDO, M. Q. O. De.; SCHMIDT, C. Inclusão educacional de pessoas com Autismo no Brasil: uma revisão da literatura. **Revista Educação Especial**. Santa Maria-RS, v. 26, n. 47, p. 557–572, set./dez. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/10178>. Acesso em: 21/ mai. 2024.

SCHMIDT, C. *et al.* Inclusão escolar e autismo: uma análise da percepção docente e práticas pedagógicas. **Revista Psicologia: Teoria e Prática**. São Paulo-SO, v. 18, n. 1, p. 222-235, jan.-abr. 2016. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v18n1/17.pdf> Acesso em: 23 mai. 2024.

STEYER, S.; LAMOGLIA, A.; BOSA, C. A. A Importância da Avaliação de Programas de Capacitação para Identificação dos Sinais Precoce do Transtorno do Espectro Autista–TEA. **Tendências em Psicologia**. Ribeirão Preto -SP, v. 26, p. 1395-1410, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tpsy/a/tXkQDGZFZp58zSS-mg7MTgSd/abstract/?lang=pt> Acesso em: 27 mai. 2024.

VIANA, A. C. V. *et al.* Autismo: uma revisão integrativa. **Revista Saúde Dinâmica**. Ponte Nova-MG, v. 2, n. 3, p. 1-18, 2020. Disponível em: <https://revista.faculadedinamica.com.br/index.php/sausedinamica/article/view/40>. Acesso em: 27 mai. 2025.

ZANON, R. B.; BACKES, B.; BOSA, C. A. Identificação dos primeiros sintomas do autismo pelos pais. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Brasília-DF, v. 30, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/9VsxVL3jPDRy-ZPNmTywqF5F/>. Acesso em: 08 mai. 2025.